

Sem alternativa, *Centrão* parte para negociação

Convenceram o grupo, os votos dissidentes e o risco de acabar nas mãos de Bernardo Cabral

Não foi apenas a constatação de votos contra entre os próprios centristas que levou, ontem, a cúpula do *Centrão*, após a votação, a buscar um acordo durante a noite com a liderança do PMDB. E que numa reunião realizada após a votação inicial do título da Ordem Econômica perceberam que se forçassem o buraco negro, como era a intenção inicial, acabariam nas mãos do relator Bernardo Cabral, a quem competiria, pelo Regimento, aprontar um texto de acordo no prazo de 48 horas. E isso o *Centrão* não admite em hipótese alguma.

Outro fato que pesou na decisão do grupo foi uma conversa preliminar mantida ontem, ainda no tapete verde da Câmara, entre o deputado Ricardo Fiúza e o líder Mário Covas. Ali, o líder do *Centrão* foi informado de que o senador preferia buscar um acordo em cima do texto centrista e não no da Comissão de Sistematização, enquanto ambos concordavam que a leitura correta dos números da votação era no sentido de que o plenário preferia — e esse era o melhor caminho — a negociação.

No *Centrão*, bastou a proclamação do resultado para despertar as reações mais contraditórias. O deputado Luiz Roberto Ponte dirigiu-se imediatamente ao grupo de comando, gritando no caminho que tinha que negociar, não era possível insistir na irreversibilidade de tentar endurecer o jogo. Dirigindo-se a Ricardo Fiúza, que estava na roda com Luiz Eduardo Magalhães, José Lins, Gastone Righi, repetiu seus argumentos e ouviu de Luiz Eduardo, sem maiores demonstrações de frustração, que se contivesse e fosse para as salas do *Centrão*.

Ao mesmo tempo, o deputado Francisco Carneiro (PMDB-DF) exigiu uma reação de Ricardo Fiúza, sem tentar dissimular sua irritação com os colegas do *Centrão*. "Nós temos que trazer os elementos para votar. Isso não é maneira de agir com a gente", assinalou Carneiro. José Lins por sua vez, acrescentou: "Oito do PDS votaram contra, tem que negociar".

Sem se alterar, Ricardo Fiúza preferiu registrar que brigou pelo impasse, porque era a maneira correta de negociar. Antes elogiou o papel do *Centrão*, pois sem ele, denunciou, há muito tempo não existiria

mais Constituinte, porque os empresários estavam conspirando com os militares. Ele revelou que não aceitava a palavra proteção, mas era possível ressaltar algum privilégio para as empresas nacionais.

Fiúza advogou a necessidade de confeccionar um texto realista e coerente, além de moderno, lembrando que areia monazítica já foi roubada e hoje ninguém quer; ferro, logo, logo, também será desprezado, bem como o cobre. Para ele, tem que tirar a ideologia da questão e conversar em moldes mais avançados: "Senão, o Brasil vai ficar como no Hino deitado em berço esplêndido".

O comando do *Centrão* reconheceu que muita gente ficou contra para forçar o acordo, mas o painel eletrônico deu a palavra final. Os empresários também tiveram sua influência contida, pois segundo Fiúza, querem se valer do *Centrão* para criar seus próprios cartórios. Mas não concordam com os que registram uma derrota dos centristas.

No *Centrão*, durante a reunião realizada já à noite, foi analisado o resultado da votação e a falta de harmonia interesse no trato com o grupo. Depois, preferiram o acordo, certos de que não teriam de jeito nenhum os 280 votos, pois muitos só animaram a emenda com a ressalva de que aquilo não era compromisso. Não faltaram críticas à forma emocional como o líder do PFL, José Lourenço, encaminhou o *Centrão* para o bate-chapa, enquanto outros preferiam, como Daso Coimbra, pedir que se buscasse uma redação capaz de ser entendida por todos. E Luiz Eduardo Magalhães, capitaneado por Rita Furtado, continuou na posição radical contra as concessões na área de tecnologia.

Foi, porém, a observação de que se jogassem para o buraco negro acabariam nas mãos do relator Bernardo Cabral que funcionou como água na fervera. O *Centrão* redigiu um texto preliminar de acordo, manteve Luiz Roberto Ponte na reunião com o PMDB e demais correntes nacionalistas enquanto o comando central buscava formas de evitar internamente para evitar novas surpresas desagradáveis. E hoje mesmo já deverá comparecer ao plenário com algo capaz de recuperar o fluxo normal das votações.

Novo texto já está em estudo

Ao final da sessão de ontem o *Centrão* e os nacionalistas começaram a analisar um novo texto sobre conceito de empresa brasileira de capital nacional. Com a não aprovação do texto centrista, os articuladores do grupo, deputados Luis Roberto Ponte (PMDB-RS) e José Geraldo (PMDB-MG), além do senador Albano Franco (PMDB-SE), procuraram o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, com o objetivo de retomar as negociações.

Antes das interrupções das negociações segunda-feira à tarde, os nacionalistas e centristas haviam acordado sobre um texto básico referente ao conceito de empresa brasileira de capital nacional. A fórmula negociada entre os dois grupos define empresa brasileira como aquela constituída sob as leis brasileiras, com sede e administração no País. Para a empresa brasileira de capital nacional, o texto proposto estabeleceu que o controle efetivo ficará, em caráter permanente, sob a titularidade direta ou indireta de pessoas físicas domiciliadas no País.

O resultado das votações ontem veio confirmar a tese defendida tanto pelo senador Mário Covas quanto pelos articuladores do *Centrão* sobre o conceito de empresa nacional, de que o título da Ordem Econômica só será votado em Plenário mediante acordo prévio entre as diferentes correntes políticas representadas na Assembléia.

Surpreso com o número de votos contrários à aprovação do texto do *Centrão*, o senador Mário Covas admitiu, porém, que dificilmente os nacionalistas obterão os 280 votos necessários para a aprovação do texto acolhido pela Comissão de Sistematização.

A Frente Nacionalista, que prefere um conceito de empresa brasileira de capital nacional mais explícita do que aquela aprovada pela Sistematização — empresa nacional nas mãos de brasileiros — continuaram ontem buscando apoio às suas teses em outras áreas do governo. Um grupo de constituintes esteve com o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, a fim de que, como presidente do PFL, ele obtenha a adesão de pefelistas para a tese dos nacionalistas da Frente Parlamentar.

Um outro grupo de parlamentares, deputados Haroldo Sabóia (PBDB-MA), Fernando Santana (PCB-BA), Paulo Ramos (PMDB-RJ), e Brandão Monteiro (PDT-RJ) esteve com os ministros militares e alertaram sobre os prejuízos para a economia caso se concretize a aprovação de um conceito de empresa nacional em que o capital estrangeiro tenha tratamento idêntico.

Esses números foram levantados pelo CORREIO BRAZILIENSE com base na listagem fornecida pelo *Centrão* no dia 23 de março.

FOTOS: GIVALDO BARBOSA



Fiúza ouviu de Covas que negociação vai girar sobre texto centrista e levou a boa notícia para o *Centrão*

Para forçar acordo, 70 não acompanharam

RITAMARIA PEREIRA
Da Editoria de Política

Para conseguir a aprovação de sua proposta substitutiva ao título da Ordem Econômica, o *Centrão* só precisava que todos os seus integrantes presentes ao plenário votassem favoravelmente. Os 54 votos contrários e mais as 16 abstenções dentro do grupo somaram exatamente os 70 votos que faltaram para completar o quorum exigido para a aprovação de qualquer matéria: 280 votos. Já as esquerdas deram ainda mais azar, porque por questão de minutos o senador Ronan Tito (PMDB-MG) perdeu a votação em que daria o voto decisivo para a vitória desta facção com a derrota do texto de autoria do *Centrão*. Ele ficou com o ministro Majlson da Nóbrega até as 15 horas, foi em casa almoçar e o motorista atrasou na hora de apanhá-lo.

Além dos 70 centristas que se abstiveram, como o deputado José Geraldo Ribeiro, um dos principais negociadores do grupo que preferiu adotar esta postura visando forçar o acordo, outros 20 faltaram à votação, sendo que destes, nove se encontravam em Brasília, alguns dentro do plenário, como o senador Leopoldo Peres. Existem neste grupo também os recordistas em faltas injustificadas, como Felipe Cheide e Mário Bouchardet, mas nem Júlio Campos, com conhecidos interesses no capítulo da Ordem Econômica, apareceu para votar. Do lado nacionalista foram computadas 20 ausências. O *Centrão* registrou a adesão de dois deputados: José Thomas Nonô e Nestor Duarte.

Esses números foram levantados pelo CORREIO BRAZILIENSE com base na listagem fornecida pelo *Centrão* no dia 23 de março.



Ronan Tito se atrasou

Porém, para a votação de ontem, o comando de mobilização optou por utilizar a lista de quem assinou a proposta de mudança do Regimento Interno e a avaliação é ainda mais negativa aos interesses centristas. Nada menos de 73 do grupo foram classificados de "traidores", somados aos 15 que se abstiveram e mais os nove que estavam em Brasília e se omitiram.

Há casos interessantes, como o do senador Carlos de Carli, que estavam na exterior e voltou para a votação, mas na hora não estava em plenário. E do deputado Roberto Jefferson, que chegou do Rio atrasado, enquanto Leopoldo Peres simplesmente não registrou seu voto no painel, apesar de presente. O senador Carlos Alberto promoveu uma reunião em seu gabinete para tratar da liderança do PTB no Senado, atrasou a hora do almoço e perdeu a votação. Os outros que se encontravam em Brasília são: Albérico Filho, Carrel Benevides, João Castelo, Roberto Torres e Vieira da Silva.

Existem três doentes: Jessé Freire e Jorge Leite, nos Estados Unidos, e o senador Virgílio Távora, no

Instituto do Coração, em São Paulo. Dos ausentes da cidade, apenas dois têm justificativa formal: Carlos Vinagre sofreu um acidente automobilístico no qual perdeu uma parenta e Carlos Virgílio acompanha o pai-senador no Incor. Os outros são Felipe Cheide, Mário Bauchardet, Júlio Campos, Mussa Demis, Albérico Cordeiro e Amílcar Queiroz.

Para evitar as baixas, o *Centrão* usou até do expediente de pedir aos ministros de Estado que não marcassem audiências para os constituintes na parte da tarde. Mas, em contrapartida, esqueceu de investir em algo considerado fundamental para um grupo onde o individualismo é total: não conversou com o pessoal. Tanto que o líder do governo, Carlos Sant'Anna analisou os resultados de forma simplória: faltou catequese.

Já no início da sessão, o deputado Daso Coimbra apelava ao comando do *Centrão* para demover as resistências de um grupo de 50 que se negava a seguir a orientação de aprovar o texto deles. Até Ubiratan Aguiar, que funcionou como coordenador de mobilização para a bancada do Ceará surpreendeu, votando pela abstenção. A situação não dava tranquilidade a ninguém, tanto assim que indagado se ia ganhar, às 15h57min, o líder Ricardo Fiúza comentou: "Bem, o maracatu está todo ensaiado, vou botar na rua pra ver se dança". Proclamado o resultado, ele acrescentou: "Estava mal-ensaiado".

Não foram só estes problemas que funcionaram contra o *Centrão*. Até o funcionário que mexe no computador faltou ao trabalho nos dois últimos dias, e tudo que era anotação precisou ser feita à mão.

CENTRISTAS QUE MUDARAM VOTO

01 — Aloísio Vasconcelos	28 — José Dutra
02 — Aloysio Teixeira	29 — José Viana
03 — Alvaro Antônio	30 — Luiz Leal
04 — Antônio Câmara	31 — Maluly Neto
05 — Antônio de Jesus	32 — Manoel Viana
06 — Arteni Wener	33 — Márcia Kubitschek
07 — César Cals Neto	34 — Marcondes Gadelha
08 — Costa Ferreira	35 — Mário de Oliveira
09 — Davi Alves Silva	36 — Mauro Sampaio
10 — Domingos Juvenil	37 — Milton Barbosa
11 — Edvaldo Mota	38 — Milton Reis
12 — Eliel Rodrigues	39 — Odacir Soares
13 — Eraldo Trindade	40 — Onofre Correia
14 — Fernando Velasco	41 — Orlando Pacheco
15 — Francisco Salles	42 — Osmundo Rebouças
16 — Gerson Camata	43 — Paulo Zarzur
17 — Gidel Dantas	44 — Raimundo Lira
18 — Gustavo de Faria	45 — Roberto Augusto
19 — Hélio Rosas	46 — Roberto Vital
20 — Henrique Eduardo Alves	47 — Ronaldo Aragão
21 — Jairo Azi	48 — Ronaldo Carvalho
22 — Jalles Fontoura	49 — Samir Achôa
23 — João da Mata	50 — Sérgio Brito
24 — João de Deus Antunes	51 — Sílvio Abreu
25 — Jofran Frejat	52 — Simão Sessim
26 — José Carlos Coutinho	53 — Sólton Borges dos Reis
27 — José da Conceição	54 — Sotero Cunha

AUSENTES

CENTRÃO	NACIONALISTAS
01 — Carlos Vinagre	01 — Cristina Tavares
02 — Carlos Virgílio	02 — França Teixeira
03 — Carrel Benevides	03 — Harlan Gadelha
04 — Felipe Cheide	04 — Humberto Souto
05 — Fernando Gomes	05 — Irajá Rodrigues
06 — Francisco Diógenes	06 — João Hermann
07 — Jessé Freire	07 — José Sena
08 — João Castelo	08 — Juarez Antunes
09 — Jorge Leite	09 — Têlio Souza
10 — Júlio Campos	10 — Márcio Braga
11 — Leopoldo Peres	11 — Miraldo Gomes
12 — Mário Bouchardet	12 — Nilso Sguarezi
13 — Mussa Demis	13 — Paulo Macarini
14 — Roberto Jefferson	14 — Plínio Martins
15 — Roberto Torres	15 — Robson Maranhão
16 — Vieira da Silva	16 — Ronan Tito
17 — Albérico Filho	17 — Rose de Freitas
18 — Albérico Cordeiro	18 — Ruy Nedel
19 — Amílcar Moreira	19 — Virgílio Távora
20 — Aureo Melo	20 — Carlos Benevides
21 — Carlos Alberto	21 — Ney Maranhão
22 — Carlos de Carli	

ABSTENÇÕES

1 — Arnaldo Martins	1 — Adilson Motta
2 — Edme Tavares	2 — Alceny Guerra
3 — Elias Murad	3 — Heráclito Fortes
4 — Gastone Righi	4 — João Carlos Bacelar
5 — Evaldo Gonçalves	5 — José Luiz de Sá
6 — Geraldo Fleming	6 — José Maria Eymael
7 — Gil César	7 — Luiz Viana
8 — Jairo Carneiro	8 — Ronaldo César Coelho
9 — Jaime Paillarín	9 — Sandra Cavalcanti
10 — José Geraldo	
11 — Manoel Castro	
12 — Maria Lúcia	
13 — Marluce Pinto	
14 — Mauro Miranda	
15 — Messias Soares	
16 — Chagas Neto	